



De 05 a 07 de outubro de 2016

ISSN: 2359-6597

POSSIBILIDADE DO DISCURSO SOBRE DEUS A PARTIR DA TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

Daniel Soares das Chagas^{*}
Marcos Alexandre Alves^{**}

Resumo: Este trabalho tem por objetivo demonstrar que a filosofia de Nietzsche não é uma exortação ao ateísmo. A intenção é mostrar que a sua suposta denúncia e negação dos valores metafísicos, enquanto verdade absoluta, é hoje, no horizonte Pós-moderno, justamente o que possibilita uma retomada do discurso religioso em meio ao contexto plural de crenças e diversidade de pensar. Não se trata de propor a existência de uma teologia em Nietzsche. Mas, a partir de uma interpretação hermenêutica, pretende-se destacar que, se há, para a metafísica um discurso válido e possível após o anúncio da morte de Deus, tal ação deverá pautar-se em um *modus operandi* que não queira convencer pela pretensão da verdade, senão pela via da *caritas*, abrindo-se ao mundo e assumindo a sua condição niilista. Assim, a transvaloração dos valores, ante a não correspondência real da prática dos depositários da fé, pode abrir espaço para o pluralismo religioso e conferir uma nova face à religião.

Palavras-chave: Religião. Deus. Nietzsche. Transvaloração.

1 A filosofia de Friedrich Nietzsche

A filosofia de Nietzsche é um desafio ao homem para que supere a si mesmo, crie a transformação libertadora que o dê, além de novos ares, um novo sentido para o ser, livre das muralhas conceituais e castradoras de sua potencialidade de realização e efetivação daquilo que está em seu mais íntimo e singular desejo: a liberdade para viver sem o medo de uma face transcendente, soberana e julgadora do homem, a saber, a forma como foi anunciado o Deus metafísico. O homem para Nietzsche é aquele que tende a superar-se, que transforma o caos que é a existência humana, num Ocidente marcado pelo moralismo religioso, pelo racionalismo científico e pela pretensão de uma metafísica que pensa ter respondido e

* Acadêmico do Curso de Filosofia - Faculdade Palotina, FAPAS, Santa Maria - RS. E-mail: daniel-chagas_72@hotmail.com

** Professor Adjunto do Curso de Filosofia e do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Centro Universitário Franciscano. E-mail: maralexalves@gmail.com

descoberto as entranhas do homem e do mundo. Superar tais estruturas é a via de emancipação para o sujeito moderno.

A construção da identidade do povo Ocidental está marcada, de forma perene, por uma mácula intempestiva que não dá espaço ao homem para que ele exerça o livre pensar, o livre sentir e o livre agir. A religião e sua moral, (na visão de Nietzsche) de emasculação tornam-se responsáveis por fomentar no espírito de toda uma civilização um desejo recalcado, uma supervalorização do mal, do pecado, de tal forma que o homem acaba por reprimir o espírito Dionisíaco¹ do desejo, da satisfação e do impulso, em prol de sustentar um espírito de rebanho, o qual determina ao homem o que ele ‘não pode fazer’, ao invés de ensinar a ‘ser responsável’ e ‘aventurar-se’ a viver sua Natureza².

2 A transvaloração dos valores supremos

Reativar o espírito Dionisíaco não é fazer uma redução do homem a um ser meramente desejoso, impulsivo, mas torná-lo capaz de seguir o objetivo da proposta de encontro consigo mesmo. Esta proposta conduz a uma descoberta autêntica e não passiva, e diante de quem quer se atravessar no caminho do homem e lhe levar a cabresto, mesmo que ainda possa ser mais confortável, não deixa de ser medíocre. Deste modo, Nietzsche se expressa em *Assim falou Zaratrusta*:

Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar, para atravessar o rio da vida. Ninguém, exceto tu, só tu. Existem, por certo, atalhos sem números, e pontes, e semideuses que se oferecerão para levar-te além do rio; mas isso te custaria a tua própria pessoa; tu te hipotecarias e te perderias. Existe no mundo um único caminho por onde só tu podes passar. Onde leva? Não perguntes, segue-o! (NIETZSCHE, 1986, p. 140).

Construir a própria existência é assumir a tarefa de se sobrepor às muletas da metafísica tradicional que leva o homem a um niilismo existencial. Toda a maquinação conceitual da metafísica e da tradição religiosa não serviu para outra coisa a não ser apoiar o homem no seu fracasso, fragilidade e impotência. O homem tornou-se incapaz de realizar o impulso e arcar com a consequência de encarar o mundo real tal qual ele é, com todos os seus afrontes, sofrimentos e mazelas. Porém, sem a bagagem metafísico-religiosa, poder-se-ia

¹ Referência a Dionísio, Deus grego do vinho, da festa, da livre ação, do irracional, da criatividade.

² A ideia de Natureza humana aqui, é a da liberdade radical, em que o homem não pode se ver ou ser obrigado a ter receio de realizar suas vontades.

realizar a vida de uma maneira diferente com as possibilidades de gozo, fruição e oferta de poder além da felicidade.

As muletas conceituais, as quais foram referidas, consolidam-se desde a herança platônica, que é incapaz de olhar para a realidade tal qual ela é, e, diante da covardia de habitar e domar o mundo, cria-se a ilusão de que há um outro mundo procedente, perfeito, transcendente, mas inatingível. De que serve tal filosofia, senão para jogar o homem dentro de uma caverna de ilusão esperançosa? O mesmo fez o monoteísmo das religiões: tirou do homem a coragem de buscar a totalidade daquilo que se é no presente, mas, leva o homem a depositar sua força num sistema que fará isso por ele, uma autêntica hipoteca.

Nietzsche, ao anunciar pela boca da personagem Zarathustra: “*Got ist tott*” (NIETZSCHE, 1986, p. 29), isto é, ‘Deus está morto’, não pretende dizer que ele está matando Deus, mas fazendo uma impropriedade e provocativa afirmação. Não faz sentido afirmar que Deus está morto, pois, Deus sendo Deus, não pode ser morto, se o pudesse, não O seria. Pode-se inferir que o que quer Nietzsche é demonstrar que Deus na verdade, não existe, ou talvez ainda, que a sociedade europeia estava vivendo de forma mascarada pela moral, pela política, pela religião. Assim diz Vattimo:

A crença em Deus foi um fator poderoso de racionalização e disciplina que permitiu ao homem sair do ‘bellum omnium contra omnes’. [...] e por isso o homem civil já não sente a necessidade de crer em Deus e que tal crença passou a ser vista como uma mentira inútil e obsoleta por parte daqueles que justamente, em nome dele, foi sempre ordenado não mentir [...] Nietzsche não está propondo uma metafísica ateuísta, o que implicaria uma pretensão de descrever uma realidade como algo do qual Deus foi excluído. Uma tal pretensão continuaria a ser uma forma de fé no Deus moral que este fundaria e garantiria (VATTIMO. 2004, p 21).

Assim, interpretando de forma antropocêntrica o afresco da criação do homem, pintado por Michelangelo na Capela Sistina, é o homem criando Deus, e não Deus criando o homem. O homem cria deuses e o poder e a vontade de afirmar uma superioridade dominadora de uns sobre outros, faz por um “D” maiúsculo frente da criação transcendente mais contundente ou bem-conceituada. A fé é a saída para consolar quem não tem resiliência, ou a capacidade de tornar-se o super-homem. Ainda sobre a afirmação da não necessidade do Deus moral, pode-se dizer que Nietzsche está constatando que frente a euforia do naturalismo, do iluminismo e a má vivência, por parte do Ocidente, em relação aos valores herdados da religião, não faz sentido falar de Deus. Ou seja, a humanidade demitiu Deus de sua função de mantenedor e zelador da criação e do universo. Eis o século e o tempo do homem.

Tirando Deus de cena e transvalorando os valores da Tradição Ocidental, cai por terra todo o hospital metafísico que impede o aparecimento do *Übermensch* (Super-Homem).

Mas, o que é este super-homem? É aquele que superou o bem e o mal, não é uma paixão inútil, não é a vontade de ser Deus. Trata-se de um ser que não necessita de Deus para afirmar sua superioridade sobre a Terra e a conferir sentido ao mundo e a vida. Ou seja, “o super-homem é o sentido da Terra” (NIETZSCHE, 1986, p. 33), não por um preconceito finalista, mas por entendê-la, por ser parte dela e por saber como existir sem precisar fora de si e da terra de uma esperança supra terrena.

Não se trata de apostar de má fé na premissa de que se Deus existe, o ateu perdeu a eternidade e o crente a ganhou, se Deus não existe, o ateu ganhou a vida e o crente a perdeu, mas, está além, assim como, se Deus existe, ele está além do que chamamos bem e mal. O que o homem chama de bem e mal, consiste na pretensão de que deuses concordem consigo, o que é senão o conceito formulado de bem e mal (moral), senão a interpretação de uns sobre o comportamento de outros? Uma visão censuradora e atrelada a temporalidade e localização cultural por sobre alguém que faz de sua vida uma busca de si? E ainda, acaso não são os mesmos censuradores dos homens, aqueles homens, incapazes e covardes de nem sequer imitar a quem criticam?

São escravos invejosos se seus senhores, que guardam a latência daquilo que são fracos para fazer. Na maioria das vezes, estes são maioria e no barulho, alardeiam que aqueles que não concordam consigo estão condenados a perdição eterna. Pois estão perdidos os que censuram, como se vê, alimentam um ressentimento autodestrutivo.

Não é exaltado aqui um comportamento suicida ao afirmar o super-homem e a transvaloração dos valores, mas, contrariamente, o suicídio da mentalidade conservadora que não se desafia a superar-se, é preciso mais que conservar-se para ultrapassar o “humano, demasiado humano”, do contrário, permanecer inerte a realidade faz do homem um brinquete nas mãos de alguns seres humanos.

Mas, não cairia o homem num impulso tanatológico, numa guerra de todos contra todos sem o sustentáculo metafísico e transcendente? O super-homem teria suporte para não impossibilitar a própria existência da espécie pós-homem? Para tal questão, vejamos as categorias metamórficas a que o homem está submetido: O camelo, o leão e a criança, as três transformações do espírito descritos na obra *Assim Falou Zaratrusta*.

O espírito do Camelo é o do homem que, tendo grande força, orgulha-se dela, e para isso atrai e permite que lhe amarrem pesados cestos, não discerne o que pode fazer com a força que possui. São aqueles homens que ao longo dos séculos exauriram-se carregando sobre si o fardo dos sistemas e dogmatismos filosóficos, não criaram nada, aceitaram ser moralizados e ofereceram a face. São como um rebanho que crê na intenção de um pastor

ausente e que não socorre os seus, deixando-os a mercê e na privação de desfrutar do mundo. São fortes os camelos, mas, com tais fardos, vai para um deserto, encontrar o nada, pois, de que lhe serviu os cestos, senão para serem carregados? Não o satisfaz.

A outra metamorfose, diz Nietzsche, se dá quando ao chegar ao deserto, aquele homem com o espírito de camelo, percebe que o cesto pesa demais e que sozinho, quer tomá-lo para si, abandona o cesto e torna-se como um leão. O leão que “quer” vencer a força do dragão do dever. Assim é o homem em seu caminho de libertação, com a coragem do leão, quer libertar-se de um dever cego, uma lei imperativa que vem sabe-se de onde, e que no espírito de dever inibe a atividade criativa e a própria possibilidade de superação humana.

Quão tristes são os homens movidos por meros deveres. Obedecem a uma lei que não os satisfaz, ameaçados por um dragão com aparências de superior que pensa ter nas garras a balança da condenação ou do bom salário. Precisa-se da coragem e rapina do leão para querer criar para si a liberdade de novas criações e tomar as rédeas das próprias potencialidades sobre as possibilidades. Trata-se de matar o dragão e enxergar o advento possível de poder fazer uma nova criação, livre do ‘eu sou o valor e a lei’ do dragão.

O espírito humano convertido na pujança do leão rompe com a certeza irredutível da pretensão de certos dogmáticos em impedir (novamente) a atividade criadora. Mas, por que a criança é mais forte que o leão? Ou ainda, o que faz a criança que o leão majestoso não faz? O espírito humano que precisa sair do leão e se metamorfosear em criança é capaz de inocentemente dizer “sim”. Somente separado do servilismo do camelo, do dever cego forçado pelo dragão, que o “sim” da criança converte-se em poder para realizar a própria vontade, que é querer a vontade de poder criar, por que esquece em sua inocência a que esteve presa no passado. Ao nascer, a criança rompe com um mundo e aventura-se em outro, já não se lembra do que passou. Por isso, para Nietzsche, em sua *Genealogia da Moral*, “esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva” (1999, p. 12) e ainda: “não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento” (1999, p. 25). É preciso perder-se do mundo, dizer um “sim” a si, para conquistar o próprio mundo. É isso que faz o espírito humano, convertido em criança.

Esta criança é mais que demasiadamente humana, ser apenas homem, cansa e não edifica o espírito, mas, o prende, é preciso ser mais que demasiadamente humano, ser o super-homem, sair dessa condição humana.

O homem é uma corda esticada entre o animal e o super-homem: uma corda por cima do abismo; perigosa travessia. Perigoso Caminhar; perigoso olhar para trás, perigoso parar e tremer. O que é de grande valor no homem é o fato de ser uma ponte e não um fim; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento (NIETZSCHE, 1986, p 16).

Nietzsche capta a condição humana e não põe panos quentes sobre a interminável tarefa de fazer-se que o homem pode cumprir. O filósofo francês Jean-Paul Sartre, embora não seja um nietzschiano, ilustra de maneira magistral uma resposta ao caminho da superação do homem. Sua resposta ao domínio das muletas da conceituação metafísica, política, ideológica e religiosa que trava a busca por superar o velho homem. Na filosofia sartreana o homem sempre poderá fazer algo além daquilo que está a si posto e afirmar sua liberdade radical. O espírito inocente da criança (super-homem) que esquece e não se ressent, mas supera os outros que o dominavam está agora livre para livrar-se de quem o repreendia. Livrar-se de quem serve uma compaixão a outrem ou que impede o homem de caminhar e atravessar a ponte da existência? Se for para ter apreço, que seja ativo, impelindo outro a caminhar no próprio rumo, por conta própria.

Não se pode esperar uma ação autêntica enquanto essa ação por permeada, ou pior, condicionada pelo olhar e ordem do outro. O espírito livre deve livrar-se de tudo, sentimentalismos enfraquecedores, medo de agir por conta própria, da mentalidade piegas afeita a amarras morais, do fanatismo das ideologias de toda ordem.

Lutar contra os monstros que estão abaixo da corda na travessia de um caminho a outro, ter confiança na ponte que está construindo. Porém é preciso cuidado, não se deixa de ser alguém de cuidado para lutar contra os monstros que querem nos prender, no caminho para além da mentalidade platônico-agostiniana de bem e mal.

A repressão do instinto e do pulsar, em nada serviu para evitar a guerra e a destruição mútua dentro do ocidente. Em nome de Deus ou de sistemas que querem englobar o homem num campo totalitário não o deixando livre para tomar as rédeas da vida, este se volta contra uns e outros. Toda força reprimida, se não foi canalizada por um Senhor (Estado, Religião, Ideologias), produziu gerações doentes e explosivas. Sempre que há a tomada de poder sobre a vontade de potência do homem, nada bom advém. É preciso que o homem reaprenda a amar (*amor fati*). Este amor é um sim, um querer, uma capacidade do espírito elevado para amar o mundo, sem precisar de um motivo além-mundo. É desinteressado, criador, consternado, pois ama o que é necessário e faz o homem amar o mundo e a si tal qual se é - tornar as coisas belas. Eis o *amor fati*, em a *Gaia Ciência*, aforismo 276:

Hoje cada um se permite exprimir seu desejo, seu mais caro pensamento; assim eu vou dizer o que desejo hoje de mim mesmo, e qual foi o primeiro pensamento que preencheu meu coração este ano, um pensamento que deve ser a razão, a graça e a suavidade de toda a minha vida! Eu quero aprender cada vez mais a considerar a necessidade das coisas como o belo em si – assim, eu serei um daqueles que tornam as coisas belas, amor fati: que seja este de agora em diante o meu amor! Eu não vou fazer guerra contra o feio, eu não o acusarei mais, eu não acusarei nem mesmo os acusadores. Suspender o olhar, que esta seja minha única forma de negar. Eu não quero, a partir desse momento, ser outra coisa senão pura afirmação (NIETZSCHE 2001, p. 66).

O espírito transvalorado é o preterido por Nietzsche, pois este está liberto da culpabilidade. A transvaloração é o caminho da liberdade, êxtase do corpo, da criação livre, da festa, da inocência, da brincadeira, do vinho, da valorização da Terra. Do contrário, a corrente apolínea abre espaço para ver no corpo um cárcere, ver na forma um erro, depositante de uma esperança supra terrena. Trata-se de um idealista com esperanças de um mundo inteligível mesmo sem poder prová-lo, pois é o que possibilita a criação de toda a engenharia metafísica e religiosa. Como diz Carlos Ceia em seu Dicionário de termos literários:

Nietzsche tentou mostrar que a transcendência extática dionisíaca foi tão necessária aos helênicos como o melífluo culto apolíneo. Chega inclusive a retratar Dioniso como o mais impressionante símbolo do gênio humano, sempre aspirando à transmutação, no que se opõe à auto capitulação eternamente sofredora dos cristãos em sinal de mesura servil para com a divindade em troca de segurança e proteção (CEIA, 2016, p. 01).

O super-homem precisa se libertar da moral dos ressentidos. O que é o ressentido senão aquele que alimenta em si mesmo uma carga afetivo-psíquica que lhe autodestrói? A interiorização da própria fraqueza, a falta de vontade de potência para pôr para fora o que tem vontade de fazer e o olhar invejoso sobre aqueles que ousam atravessar a ponte, implica transvalorar a vida, seguir o próprio rumo. O ressentimento é a raiz do conformismo que cria a moral para rebanhos e põe na cela o camelo. É mais fácil para este ser protegido a vida toda, do que ter que cuidar de si mesmo, triste é quanto este percebe a criança se integrar à Terra, a criação, o esquecimento que não se ressent, o prazer, a liberdade.

3 O horizonte pós metafísico

Mas, como será possível, após, esta transvaloração de todos os valores, o discurso religioso fazer algum sentido, como apontou-se no início deste trabalho? Demonstrou-se que Nietzsche não quer propagar um ateísmo, mas criticar todo e qualquer pensamento que tenha

a pretensão de ser uma verdade absoluta e que desrespeite a liberdade do homem. Assim, Nietzsche defende um horizonte axiológico em que a verdade adquire um caráter de multiplicidade.

A nova sensibilidade pelo transcendente, a necessidade difusa de um retorno à religião me parecem ser motivadas pela gravidade das questões éticas ante as quais se encontra hoje a humanidade: exaustão dos recursos do planeta, manipulação genética, exploração e desfrute capitalista intensificado também por causa da globalização, políticas de “segurança” contra o assim dito “terrorismo” e a revolta dos povos pobres. Um conjunto de problemas que fazem pensar na frase de Heidegger: “agora só um Deus nos pode salvar”. De outra parte, também em filosofia caíram todos os sistemas que acreditavam ter demonstrado que Deus não existe: o pensamento pós-moderno e precisamente a “morte de Deus” de que falava Nietzsche, e que era a morte da metafísica racionalista, reabriram a possibilidade de uma visão religiosa do mundo. Só que, se Deus é de novo possível para a pós-modernidade, pensar encontrá-lo nas formas da religião tradicional é um equívoco; aquele Deus (dos filósofos, como diz Pascal ; da estrutura necessária do mundo, etc.) não é mais crível. Por isso, poderemos dizer que “somente um Deus pós-metafísico” pode salvar-nos... (VATTIMO, 2010, p. 01).

Afirmar a importância da superação da metafísica, significa defender uma estrutura filosófica que não tenha pretensão de verdades últimas ou absolutas. Isso concorda com a forma como o próprio Deus cristão se encarnou na história - forma *kenótica* (esvair) pela via do esvaziamento de si, de toda sua onipotência, para dar-se ao mundo na condição humana, vivendo as dores dos homens e por ele sofrendo. O Deus cristão encarnado é um Deus que sofre e não quer se fazer valer pela força do medo ou da verdade, mas falar aos corações pela *caritas*. Isto é, por meio do amor ativo, que tudo engloba, tolera, perdoa e justifica.

Assim, ainda segundo Gianni Vattimo:

O relativismo é somente uma outra face do fim da metafísica. Não existe mais um valor supremo em relação ao qual mensurar todos os outros valores. Nietzsche escreve que agora que Deus é morto e queremos que vivam muitos dos relativismos não significa ausência de valores, mas fim da pretensão do valor absoluto. O fim da metafísica é paralelo, ou idêntico, com o fim do imperialismo. Há quem pretenda uma autoridade absoluta que reivindica possuir o valor supremo: os nazistas diziam que “Deus é conosco”. E hoje uma superpotência, os Estados Unidos da América, crê representar os verdadeiros valores da humanidade, o império do bem contra o “mal”... Em si, o pluralismo dos valores, o relativismo, não é um mal. A violência só se desencadeia quando um dos tantos valores pretende ser o único e valer para todos. O cristianismo coloca primeiro a caridade, até mesmo antes da verdade. Ou melhor, há verdade vivida somente lá onde há caridade, aceitação do outro e, portanto, também relativismo (VATTIMO, 2010, p. 01).

A Teologia não irá concordar com todas as afirmações de Nietzsche, porém ela pode se deter e rever seu método de trabalhar a questão de Deus, tomando os questionamentos niilistas, no que estes podem ser úteis a falar de Deus. Assim, num horizonte em que não há

verdades absolutas e os homens libertos de uma fé, sem a necessidade do medo, precisam saber conviver com manifestações diferentes da fé e respeitar uma cultura de tolerância. Assim, antepondo a caridade a qualquer pretensão de fé, Deus ressurgirá dos escombros da queda da caricatura que Dele fizeram, revelando-se naquilo que ele mesmo assumiu como condição e essência: o amor.

Referências

ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud & Nietzsche, semelhanças e dessemelhanças**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=785&Itemid=2>. Acesso em: 24 jun. 2016.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratrusta**: Um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário Ferreira da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed Civilização Brasileira, 1986.

_____. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VATTIMO, G. Morte de Deus e o fim da metafísica, a luta contra os absolutos. **IHU on-Line**, Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/39429-morte-de-deus-e-fim-da-metafisica-a-luta-contr-a-absolutos-entrevista-especial-com-gianni-vattimo>>. Acesso em: 28 jun. 16.

_____. **Depois da cristandade**. Tradução de Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.